

O Espectador e suas Expectativas: A Cidade de Criciúma e o Diálogo com o Acesso à Arte e à Cultura

Amalheine Baesso Reddig e Marcelo Feldhaus
Professores Mestres em Educação da Unesc

Viver e conviver em sociedade tem relação direta com as culturas e aproximar-se da cultura do outro é sinal de abertura para o novo. Nesse sentido, os estranhamentos serão inevitáveis. Sair da nossa zona de conforto, do conhecido e experienciado cotidianamente para adentrar olhares, escutas, tato e olfatos para a cultura do outro pode fazer com que nosso repertório se amplie e nossa capacidade de recriar e apreciar seja alterada.

Somos cidadãos criciumenses, por escolha, e muitas vezes sentimos que Criciúma é dessas cidades que nem sempre se deixam conhecer na sua potencialidade cultural. Quando aqui chegamos, nós nos encantávamos com tudo. Os altos edifícios, as igrejas, as ruas, a praça com chafariz, as vitrines, tudo atraía nossos olhos ávidos pelas novidades da cidade.

Hoje, atuando como profissionais da educação e como conselheiros de cultura, sabemos do diagnóstico cultural promissor, mas há que se investir em profissionais e fomentar as condições de criação, circulação e fruição, a partir da destinação de fomento a editais que possam contemplar projetos capazes de reconhecer, valorizar, promover e proteger a cultura e a identidade local. Vemos uma jovem cidade, multicultural e polifônica, que, com certeza, deseja se firmar como polo cultural.

Os equipamentos culturais demandam equipes atuantes que possam reinventar suas funções, alinhando as práticas com o momento atual. No que tange à produção de ações e à recepção de públicos estamos apenas engatinhando. Criciúma tem cultura! Mas será que tem apreciadores? Sonhamos com bibliotecas

públicas atualizadas e com filas de espera para lerem os bons livros, com teatros ativos e lotados, com museus cheios de visitantes e mediações incríveis acontecendo; com saraus e festivais de música que deixem as novas composições virem à tona. Com espetáculos de dança que façam a plateia emudecer ou gritar em saudação aos artistas. Com praças lotadas e livres. Com espaços expositivos que nos façam ficar intrigados ou perplexos. Que arranhem nossas convicções e nos façam pensar sobre a importância da arte e da cultura nas nossas vidas. Equipamentos e locais onde o direito fundamental do ser humano, de se expressar e também de ser ouvido, seja de fato um exercício qualificado, respeitoso, com afeto e ética.

Como ler Criciúma e suas aproximações com a arte? A cidade precisa se preparar para esse diálogo com os espectadores. Ricardo Basbaum, professor, curador e crítico é quem nos ensina a refletir sobre o espectador e suas expectativas. A formação de público, para acessar dignamente as ações culturais, é tarefa urgente e necessita estar no planejamento. Políticas públicas poderiam ser aprovadas e implantadas para que as experiências com o sensível fossem sensibilizadoras a ponto de tornarem o espectador sedento e com grandes expectativas com relação à cultura.

Passados muitos anos, circulamos ainda pela cidade, como flâneurs, tal qual Charles Baudelaire descreve: "Pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la". Observamos o social e o estético e, por vezes, simplesmente nos calamos, sem querer calar.

Além disso, é fundamental que a própria sociedade se emancipe e tenha em mente que o acesso à cultura/arte é direito de todos, previsto em nossa Constituição (1988). Esse processo vai ao encontro do que compreendemos como formação integral, que parte da consciência de si na existência do outro. Um sujeito sensível à arte e à cultura é um sujeito mais consciente, comprometido, ativo, expectante para com as questões ligadas ao ambiente em que vive.